

COTIDIANO DOS SERINGUEIROS NA IMPrensa AMAZONENSE: VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NOS SERINGAIS (1900-1920)

DOI: 10.5935/2177-6644.20180015

TAPPERS DAILY IN THE
AMAZONIAN PRESS: VIOLENCE
AND RESISTENCE IN THE RUBBER
GROVES (1900-1920)

COTIDIANO DE LOS CAUCHEROS
EN LA PRENSA DE AMAZONAS:
VIOLENCIA Y RESISTENCIA EN
LOS CAUCHOS (1900-1920)

Daniel Barros de Lima *

Resumo: Este estudo tem por objetivo apresentar algumas experiências do cotidiano nos seringais amazônicos por meio da imprensa, de onde extraímos algumas imagens dessa vivência no período de 1900 a 1920. Dentre muitos autores nos apropriamos em nossa narrativa histórica do conceito de cultura e experiência em Edward Thompson articulando a compreensão do poder disciplinar [discurso], e de Michel Foucault para trabalhar a violência nos seringais. Objetiva-se, apresentar tópicos acerca da relação de dominação em que a violência se apresentou como linguagem legítima e acessível, e como se deram as resistências e revoltas dos seringueiros que os jornais puderam noticiar. As imagens dos seringais amazônicos emergem desse universo em que tem como interlocutora a imprensa amazonense.

Palavras-chave: Experiência. Seringueiros. Violência.

Abstract: This study aims to present some daily experiences in the Amazonian seringais through the press, from where we extracted some images of this experience in the period from 1900 to 1920. Among many authors we appropriate in our historical narrative of the concept of culture and experience in Edward Thompson articulating the understanding of the disciplinary power [speech], and of Michel Foucault to work the violence in the rubber plantations. The objective is to present topics about the relationship of domination in which violence was presented as a legitimate and accessible language, and how the resistance and revolt of the rubber tappers that the newspapers were able to report. The images of the Amazon rubber plantations emerge from this universe in which the Amazonas press is interlocutor.

Keywords: Experience. Tappers. Violence.

Resumen: Este estudio tiene por objetivo presentar algunas experiencias de lo cotidiano en los seringales amazónicos por medio de la prensa, de donde extraemos algunas imágenes de esa vivencia en el período de 1900 a 1920. Entre muchos autores nos apropiamos en nuestra narrativa histórica del concepto de cultura y experiencia en Edward Thompson articulando la comprensión del poder disciplinario [discurso], y de Michel Foucault para trabajar la violencia en los seringales. Se pretende, presentar temas acerca de la relación de dominación en que la violencia se presentó como lenguaje legítimo y accesible, y cómo se dieron las resistencias y revueltas de los caucheros que los periódicos pudieron noticiar. Las imágenes de los seringales amazónicos emergen de ese universo en que tiene como interlocutora la prensa amazónica.

Palabras clave: Experiencia. Extractores. Violencia.

* Doutorando em Teologia (DINTER) pelo PPG-EST São Leopoldo/RS (2016) e Docente da Faculdade Boas Novas (Manaus-Am). Mestre em História Social (2016). Possui Licenciatura Plena em História (2011), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (2010) e Bacharelado em Ciências Teológicas (2008). E-mail: daniel.barros@fbnovas.edu.br

Introdução

A partir das matérias publicadas diariamente sobre o mundo do seringal e seus diversos atores encontram-se histórias que configuram as muitas experiências do seringueiro em que em maior ou menor grau, podem diferir ou pelo menos confirmar tudo o que usualmente foi registrado pela historiografia regional. A acessibilidade desses periódicos esteve condicionada quase que em sua totalidade em arquivos microfilmados ou digitalizados de acordo com sua disponibilidade. Tratam-se de periódicos que acompanharam um mesmo contexto e que representam bem a imprensa amazonense do período.

Dentre os temas e questões que se pôde organizar estão os relativos aos deslocamentos para a Amazônia; o estranhamento e a adaptação ao novo ambiente; o enquadramento ao sistema de trabalho; a vida fora dos seringais. Neste estudo objetiva-se apresentar tópicos acerca da relação de dominação em que a violência se apresentou como linguagem legítima e acessível, e como se deram as resistências e revoltas dos seringueiros que os jornais puderam noticiar. As imagens dos seringais amazônicos emergem desse universo em que tem como interlocutora a imprensa amazonense.

A Violência como Linguagem

É impossível pensar na violência ocorrida nos seringais da Amazônia e não ver a presença feminina como um dos principais agentes desses conflitos. No entanto, quer-se demonstrar que conflitos que, embora perpassem em um ou noutro momento a relação com a mulher, também apresentem a relação com os demais agentes do seringal observando a violência como uma expressão legítima de linguagem dos seringueiros nesse ambiente.

Natalie Zemon Davis, especialista nos estudos sobre a formação da cultura popular, ao estudar as guerras religiosas da França moderna, interpreta como ritos, os atos de violência ocorridos ali entre diversos grupos. A autora informa que:

A violência não é explicada em termos de quão loucos, famintos ou sexualmente frustrados são os violentos (embora eles geralmente tenham essas características), mas sim em termos dos objetivos de seus atos e em termos dos papéis e padrões de comportamento possibilitados por sua cultura (DAVIS, 1990, p. 155).

Do mesmo modo, pode-se dizer que a violência podia ser legitimada por diferentes aspectos do cotidiano nos seringais amazônicos, pois o que sempre esteve em jogo eram os objetivos de um grupo, que podem ser interpretados ao se olhar para os papéis dos agentes na forma em que agiam. Seus comportamentos estabeleciam os costumes e os hábitos de seu cotidiano, que especialmente, põe o seringueiro como principal agente quando vemos a suas representações nas páginas dos jornais, que são as “noções associadas à dimensão subjetiva... do homem, como as de identidade, as do simbólico e, particularmente as de representação passaram a ser valorizadas... a realidade é construída pela forma que os homens a representam” (MATTOS, 2012, p. 123).

O *Jornal do Commercio*, um dos mais importantes periódicos do Amazonas, também reuniu muitas dessas histórias, e dentre elas destaca-se aqui uma, intitulada “*Vingança Trágica*”, por onde se apresenta, com certos detalhes, as intrigas e desavenças entre dois seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade:

Outra cena de sangue temos a registrar, hoje, desenrolada num dos antros do seringal *Retiro*, que fica à margem do Rio Acre. Ali viviam os seringueiros José da Silva Ramos e Anísio Gomes Brandão, ambos empenhados no serviço de extração de goma elástica, porem separados pelo ódio incontido de velhas rixas pessoais, à semelhança das que sempre surgem entre os homens educados na escola da ignorância. Ramos, que sempre se revelara um indivíduo de mau caráter, arquitetara um plano com o fim de prejudicar seu companheiro de trabalho. Penetrara no terreno sáfaro da mentira ignominiosa e, sem o mínimo decoro, dissera ao seu patrão que Anísio estava falsificando a borracha, com o fim de deslindar o crédito do seringal. O patrão, como é natural, ficou prevenido com Anísio, mas, dias depois, examinando escrupulosamente a sua borracha, verificou que não tinha fundamento a queixa de José Ramos. Ciente do embuste e ainda mais revoltado com um ato infame com que seu inimigo procurara profanar a honra de seu lar e o brio de sua família, Anísio resolveu, servindo-se para isso de um único alvitre: a eliminação da vida de José Ramos, antes que ele incidisse em outros processos de mais grave afronta à sua família. E, assim, pela manhã de vinte e outo de setembro último, quando Ramos demandava uma estrada, rumo do trabalho, Anísio, que se achava oculto numa arvore, desfechou-lhe um tiro de rifle no crâneo, que o matou instantaneamente. Após o facto, o criminoso evadiu-se deixando a família no seringal, na ignorância do seu paradeiro. A vítima era natural de Pernambuco e contava trinta e nove anos de idade (*Jornal do Commercio*. Manaus, 13 Out. 1917).

Nesse mesmo dia o jornal *A capital*, também relatou o mesmo episódio, mas com um ou outro detalhe a mais, como por exemplo, o fato de que Ramos ainda tenha

procurado Anísio para se desculpar dizendo que “havia dado ao patrão todas as explicações que lhe tinham sido exigidas” (*A Capital*. Manaus, 13 Out. 1917).

Ao que parece, na descrição acima, no termo *ato infame*, Ramos ainda tinha dissimuladamente, a partir do pedido de desculpas a Anísio, tentado se aproximar da família, ou da própria mulher de Anísio, com o desejo ainda impertinente e libidinoso de *profanar a honra de seu lar e o brio de sua família*. Nesse sentido, o periódico *A Capital* informa que Anísio soube que Ramos havia criado novas intrigas, não mais no barracão “contra sua pessoa, mas contra a sua honra de homem casado” (*A Capital*. Manaus, 13 Out. 1917). Isso demonstra bem ser possível que Ramos tenha proferido alguma infâmia contra a mulher de Anísio, embora não se saiba o quê.

A solução encontrada por Anísio era *a de um único alvitre*: matar Ramos. Como já se tem dito, isso era, por assim dizer, *natural*, nestas circunstâncias, considerando o contexto no qual viviam. Em outras palavras, para Anísio era matar ou morrer. A história de Ramos e Anísio é simbólica nesse sentido, pois ocorreram inumeráveis crimes dessa natureza dentro dos seringais amazônicos.

Sabe-se que além da representação dos crimes provenientes de traições e adultérios, fortemente percebida nas páginas da imprensa amazonense, foi possível também visualizar injustiças cometidas contra seringueiros que eram idôneos no caráter e honestos no trato de seu trabalho, mas, que nem por isso deixavam de encontrar punições provenientes de infâmias e calúnias de outros agentes.

O *Jornal do Commercio* publicou extensa notícia sob o título de “*Barbaridade Inaudita – Os conluios infames – Um homem castrado*”. Essa história representa a violência, a que vez ou outra eram submetidos seringueiros que conquistavam seu espaço e o respeito de seus patrões, mas que eram também alvos da inveja de outros agentes do seringal.

Do Jutahy chegou a esta capital o seringueiro Olympio Cavalcanti de Albuquerque, vindo do seringal Icarahy, que fica situado no alto Jutahy. Esperava Olympio Cavalcanti, nesta capital, um vapor que conduzisse para Belém do Pará, onde reside sua família, e ao seio da qual se queria recolher, quando, ontem, indo ele ao rodway da Manáos Harbour sindicat da chegada de alguma embarcação com aquele destino, teve uma demorada conversa com o vigia ali destacado de nome Pedro de tal, conversa essa que se foi desdobrando sempre até chegar a espantosa culminância que atingiu, conforme o leitor vai conhecer minuciosamente, em todos os seus lances, que se revestem de mais inconcebível e requintada barbaridade. Olympio de Albuquerque que trabalhava no seringal citado, que é de propriedade de um cearense, homem, pelo que se

sabe, fraco e dócil a sugestões, pela ação das quais tem naquele rio cometido e mandado executar as barbaridades mais torpes [...] (*Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908).

Através desse primeiro fragmento tem-se a apresentação da notícia que anuncia o protagonista da história, o seringueiro Olympio Cavalcante de Albuquerque, recém-chegado do interior à cidade de Manaus, que de passagem, buscava retornar a Belém do Pará ao seio de sua família. É possível notar que ao buscar informação na *Manaus Harbour*, Olympio encontrou-se com uma pessoa que seria determinante para que sua história pudesse ter registro no periódico *Jornal do Commercio*, o vigia Pedro, com o qual inicia uma longa conversa.

Em determinado ponto de sua conversa é revelado ao vigia Pedro o que este seringueiro acabara de enfrentar no seringal Icarahy, onde seu proprietário, pelo o que a fonte informa, tinha *naquele rio cometido e mandado executar as barbaridades mais torpes*. Vê-se a continuação do relato:

Pela narrativa que Olympio ontem fez na 1ª delegacia, onde foi levado à presença da autoridade pelo vigia Pedro, deixou-nos ele revelar os seus bons sentimentos de espirito. Disse-nos que, havendo conseguido captar as simpatias da família do seu patrão, todos os domingos deixava a sua barraca para ir passear até o barracão onde estes residiam e era sempre recebido com festas pela esposa e os filhos do patrão e demais pessoas da casa, principalmente por uma filha daquele a quem tinha uma afeição sincera, nutrindo os sentimentos de um verdadeiro pai, visto a diferença que ia da sua idade para a dessa menina. O patrão tem, porém, ao seu serviço um troço de homens de má nota, entre os quais Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy, com os quais fazia um verdadeiro conselho de Estado, agindo sempre em conjunto e do acordo com o que entre eles se deliberava. Por uma destas cousas, esperadas em casos de tal natureza, a afeição extrema que a filha do patrão mantinha com Cavalcante, que também por esse motivo ia ganhando a simpatia deste, começou a não calar bem na ambição e no egoísmo de Francisco Thimoteo, o homem de confiança do seu patrão. E assim começou esse pobre homem a chamar a atenção de Thimoteo, que passou a tê-lo como elemento nocivo à sua preponderância e interesses, tratando logo, por isso, de armar um plano tenebroso para o incompatibilizar com o lar do seu patrão. Thimoteo, perverso em todos os seus desígnios, em momento propício, denunciou caluniosamente essa inocente amizade de Cavalcante com a menina, e sem o menor remorso na consciência, citou quiméricas infâmias por Cavalcante praticadas, que só a sua celebração de miserável podia conceber. Infelizmente o plano surtiu o efeito esperado, O bandido, então, como vindicta aconselhou o dono do seringal a que, depois de açoitar Cavalcante, procedesse a castração para execução da qual ele próprio seria dirigente (*Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908).

Percebe-se então, que por mais que o seringueiro Olympio Cavalcante tivesse conseguido de algum modo ganhar a confiança não apenas do patrão, mas de toda a sua família, as regras que vigiam na natureza de um seringal não permitiriam que tal fenômeno fosse visto com normalidade pelos agentes do patrão, na história denominados, Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy e que a fonte anuncia que se constituíam num *um verdadeiro conselho de Estado, agindo sempre conjunto e do acordo com o que entre eles se deliberava.*

Obviamente não se pode incorrer no risco de afirmar que Olympio Cavalcante não tivesse praticado nenhum ato ilícito contra a filha do patrão. Mas, considerando tão somente o que a fonte nos informa, é provável que fosse inocente tendo pela menina apenas *uma afeição sincera, nutrindo os sentimentos de um verdadeiro pai.* Contudo, como diria Michel Foucault, acerca do poder disciplinar, este tendia a “ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente [...]” (FOUCAULT, 2002, p. 147). Assim, a história segue, contando que:

Raiou o dia 18 de Julho, escolhido para realização dessa barbaridade sem nome. Cavalcante pela manhã, como de costume, entreteve-se na extração da borracha e depois das 10 horas deitou-se e dormiu. Foi nessa posição que os covardes o foram apanhar, segurando-o fortemente. Cavalcante acordou nessa ocasião e julgando-se acometido por uma onça, quis gritar, mas taparam-lhe a boca, enquanto com uma corda lhe amarravam os pulsos. Em seguida foi levado para o tronco e aí açoitado a chicote feito de couro de anta. Finda esta surra, Francisco Thimoteo, em pessoa, da maneira mais bárbara, cortou-lhe a bolsa escrotal, sacando para fora os testículos do infeliz que, em seguida, meteram numa canoa e foram abandonar no seringal denominado Ouro Preto. Só depois veio Cavalcante saber a causa daquela selvageria em si praticada. Não fez ele disso revelação a autoridade alguma do Jutahy (*Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908).

Ao que parece, o patrão concede a Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy o poder de levarem à cabo seu plano de punir Olympio no tronco pela suposta prática ilícita e de até castrarem o seringueiro. Que em nenhum momento é inquirido sobre a questão. Olympio teve um início de dia aparentemente normal, saindo cedo para a extração da borracha. Mas às 10 horas da manhã enquanto descansava do laborioso trabalho foi inadvertidamente arrancado de sua barraca, sendo conduzido a força e amarrado por cordas ao tronco, onde começaria a sua tortura, sendo ao fim barbaramente

castrado. Olympio deve ter perguntado repetidas vezes aos seus carrascos a razão de toda aquela violência. Nisto, chama a atenção o trecho da fonte que diz que somente depois de castrado Olympio viria *saber a causa daquella selvageria em si praticada*, da infâmia consciente e deliberadamente praticada principalmente de Francisco Thimoteo o arquiteto de tudo.

Foucault analisou o conceito de *vigilância hierárquica* na história, e o seu caráter de violência, afirmando em seu estudo que foi por causa das técnicas de vigilância, que “a ‘física’ do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica de mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, a força, a violência”. Mais adiante, o autor ainda incluiria o conceito de *sansão normalizada* onde apresenta a ação da violência como um legítimo processo próprio de justiça (FOUCAULT, 2002, p. 147). De acordo com Michel Foucault:

O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina... Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. E beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instancias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma ‘infra-penalidade’; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 2002, p. 147-148).

A saga de Olympio possui uma marca distinta de tantas histórias que se lê nos periódicos da imprensa amazonense neste período. Ele sobrevive! Sua história possui um desfecho inusitado, já que após ter sido abandonado, provavelmente em um seringal distante do seu, e de onde ocorrera sua desgraça:

Tomou a lancha *Mercedes* e dirigiu-se para esta capital quando ontem, narrando o que lhe acontecera ao vigia Pedro, este, lhe fazendo ver a necessidade que havia de tornar a polícia conhecedora desse facto, o acompanhou até a 1ª delegacia, onde o subdelegado Carneiro de Cunha, por ordem do desembargador chefe de polícia que antes ouvira Cavalcante em seu gabinete, abriu inquérito. As 4½ da tarde realizou-se na sala das operações do hospital da Santa Casa o exame no ofendido, pelo médico legista Dr. Guimaraes Maia, ao qual assistiu o desembargador chefe de polícia. Por esse exame ficou constatada a completa ausência dos testículos, e as cicatrizes ainda visíveis da bárbara castração. O infeliz é natural de Pernambuco, casado, tem filhos, e conta 32 anos de idade (*Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908).

Então, quando se lê na fonte que o seringueiro Olympio Cavalcante embarca numa lancha seguindo para a capital, Manaus, não se pode ignorar a distância percorrida, uma vez que vivia no Alto Jutai. Vencida esta longa viagem, tem-se a imagem de um seringueiro profundamente ferido no corpo e na alma, sendo convencido e conduzido por um vigia do porto de Manaus, o Sr. Pedro de tal, a relatar o crime às autoridades da cidade, onde até tem-se o registro de que o subdelegado Carneiro de Cunha abriu inquerido sob pedido do desembargador chefe da polícia para investigar o fato, mas, que conforme nossa investigação não se conseguiu acessar no periódico algum novo desdobramento da história de Olympio Cavalcante até final daquele ano de 1908.

Isto leva a presumir que Olympio tenha seguido para a sua terra de origem ao encontro de sua família. Ao mesmo tempo, sabe-se que tais crimes ocorridos no interior do Estado e principalmente nos seringais amazônicos nessa época ficavam impunes dadas a conjuntura e as próprias normas reguladoras do cotidiano do seringal.

Edward Thompson articulou os conceitos de teatro e contrateatro ao estudar a reação popular frente a dominação empreendida pela *gentry*¹ na Inglaterra do século XVIII. Nesse sentido Thompson afirma que “os donos do poder representam seu teatro de majestade, superstição, poder, riqueza e justiça sublime” (THOMPSON, 2012, p. 239). Eles encenam como realidade um conjunto de ações para legitimarem o seu poder e controle sobre os trabalhadores ou classes subalternas.

É o que pode ser percebido nessas histórias em que se vê encenada a vida real do seringal, em que os próprios redatores dos periódicos chegam a comparar a vida e os infortúnios enfrentados pelo seringueiro como uma peça encenada tragicamente. A violência tem forte poder simbólico. Essa cena vívida é representada pelos agentes do poder que legitimam suas ações no cotidiano do seringal e que o seringueiro é quem sofre as ações (não apenas) teatrais do poder.

Observando a vivência do seringueiro que é representada na imprensa amazonense, saltam dos periódicos diversas histórias de conflitos entre os próprios trabalhadores. Para além dos conflitos, que geralmente envolviam mulheres, haviam muitas brigas, seguidas de morte, brigas por canoas, batelões, punhais, rifles, estradas, e demais objetos que constituíam posse, sem falar de uma animosidade sempre presente que fazia com que, por qualquer motivo, eles iniciassem uma briga ou uma disputa. Talvez isto

¹ Designa-se *gentry* (do francês arcaico *genterie*) a nobreza rural europeia que, embora desprovida de títulos nobiliárquicos, possuía os mesmos valores da restante aristocracia inglesa. Oxford English Dictionary.

represente o quanto a linguagem da violência era latente nos seringais e perpassava o cotidiano do seringal sendo assimilada pelos seringueiros.

Em matéria publicada no periódico *Correio do Norte*, sob o título “*Homicídio*” tem-se a história de dois seringueiros, José Joaquim de Sant’Anna e Tiburcio Ferreira dos Santos que foram alvejados, sendo um deles morto, enquanto o outro escapou do atentado. Ao que parece os tiros foram dados por outro seringueiro, Paulo Gomes Coutinho. Diz a nota:

Chegou, ontem, ao conhecimento da primeira delegacia a notícia de um bárbaro assassinato cometido na pessoa de José Joaquim de Sant’Anna quando passava este em uma canoa às 9 horas da manhã de ontem pelo igarapé do Mucura, indo em sua companhia Tiburcio Ferreira dos Santos que só logrou escapar à morte por ter se atirado à água. Tiburcio foi quem trouxe ao conhecimento da polícia a notícia do barbiteso homicídio. Chama-se Paulo Gomes Coutinho o degenerado assassino que disparou tiros de rifle sobre Sant’Anna. De há muito, Coutinho que tem por instinto natural a mania de provocar a todos sem motivo e por questões nonada, atirava a Sant’Anna pilherias ofensivas, insultos intoleráveis, ameaçando-o, sempre que o encontrava que um dia mais, um dia menos as contas ficariam ajustadas. Ante isso, receando Sant’Anna algum encontro funesto, veio na semana transata a esta cidade e fez ver autoridade policial as condições em que se encontrava. Coutinho sabendo do fim que trouxe Sant’Anna a esta capital idealizou o plano terrível que levou a efeito ontem pela manhã. O corpo da infeliz vítima chegou ontem pela manhã a esta cidade sendo recolhido ao necrotério, onde o médico legista da polícia Dr. Alfredo Araújo procedeu a respectiva autopsia. José Joaquim de Sant’Anna era natural do Ceará, viúvo, seringueiro, e tinha 40 anos de idade. Paulo Gomes entregou-se voluntariamente à polícia. (*Correio do Norte*. Manaus, 29 Jul. 1909).

Embora a fonte não revele que Paulo Gomes Coutinho, o assassino, e Tiburcio Ferreira dos Santos, o companheiro de José Sant’Anna fossem seringueiros, é possível que atuassem em algum seringal, uma vez que Sant’Anna era designado por seringueiro. Nesse sentido, o redator do periódico foi vago, uma vez que Tiburcio dos Santos é um sobrevivente aos tiros de Paulo Coutinho, escapando pela água e sendo ele o portador da notícia na cidade.

Outro ponto que chama atenção é que o seringueiro José Sant’Anna chegou a ir à cidade de Manaus denunciar as ameaças de Paulo Coutinho, aparentemente sem nenhum proveito. O igarapé Mucura, no Amazonas, se localiza próximo a cidade de Manaus no Rio Negro. De todo modo, vê-se na história, o seringueiro José Sant’Anna ser morto por qualquer motivo fútil, pois como se tem dito, a violência era uma forma, senão legítima, ao menos banal e corriqueira para tais sujeitos sociais e por meio dela expressavam suas

intenções e interesses. Além disso, e diferentemente de tantas outras histórias, o assassino, Paulo Coutinho, se entrega a polícia.

Natalie Davis (1990) concluiu seu estudo sobre violência, lembrando que, de maneira geral, as pessoas que praticavam os atos de violência o faziam tendo de algum modo a percepção de que suas ações eram legítimas, pois as ocasiões em que praticavam tais atos estavam sempre muito relacionadas com a defesa de suas causas. No entanto, a autora lembra que os ritos de violência não podem ser considerados em sentido absoluto um direito à violência, pois as práticas de violência devem servir para orientar, que para além de resoluções e medidas que possam garantir a diminuição de práticas destrutivas e cruéis, ou de tentar pacificar os desviantes, deve-se buscar a mudança dos valores centrais de uma comunidade². Isto certamente tem a ver com a consciência e a luta por direitos dos trabalhadores, que no caso dos seringueiros passariam a existir somente décadas depois.

Transgressões e Resistências

As ações empreendidas pelos múltiplos sujeitos sociais vinculados aos seringais constituíram-se, muitas vezes, em conflito com a autoridade patronal, deixando perceber, de modo particular, transgressões e resistências, práticas nem sempre iluminadas no discurso historiográfico. Já se salientou que a violência era uma prática institucionalizada nos seringais amazônicos do período e, por isso, Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato informam que a ambiência de um seringal geralmente “se caracterizava pela violência..., quando os trabalhadores ousavam..., abandonar o trabalho, cometiam faltas ou empregavam processos condenados na extração do látex, os meios de punição eram os mais brutais” (PRADO; CAPELATO, 1985, p. 322).

Atento a essa situação, Euclides da Cunha teve acesso e destacou esse regramento por meio dos “regulamentos” dos seringais que ele teve acesso. Neles eram organizadas as interdições e penas destinadas aos trabalhadores aviados pelo barracão central. As regras determinavam sanções a quem, por exemplo, fizesse um corte inferior ao gume do machado, com multa de 100 mil réis, bem como, a quem se atrevesse a comprar qualquer mercadoria que não fosse fornecida pelo armazém do seringal, nesse caso a multa equivalia a 50% do valor do produto comprado. Euclides afirmou que aqueles eram regulamentos

² A ideia da existência de noções legitimadoras por trás das práticas de violências rituais, já havia sido desenvolvida por Thompson em vários estudos, ganhando maior destaque em seu estudo sobre a “Economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII” (THOMPSON, 1998).

impiedosos. Fugir? Nem pensar. Buscar outro barracão? Pior, pois havia entre os patrões um acordo de não aceitarem seringueiros de outros, antes de saldadas as dívidas. Além disso, era um sistema coercitivo, pois o recurso da fuga era dificultado pelas enormes distâncias a serem percorridas (CUNHA, 1999, p. 9).

Estas descrições da historiografia ganharam na literatura, como visto antes, contornos vívidos em romances que trataram do cotidiano dos seringais. Imagens que ficaram cristalizadas no imaginário amazônico, como no caso dos seringueiros Joca e Quinquim, em *Coronel de Barranco*, que caçavam, plantavam e pescavam escondidos do Coronel Cipriano, e que, conforme o enredo, foram denunciados por Maciel, outro seringueiro rival. Ali Joca e Quinquim sofreram as consequências do não cumprimento do regulamento do seringal, da lei do patrão:

Cipriano desembarcou, aparentemente calmo, seguido pelos quatro homens armados.

– Boas-noites, Coronel. O senhor por aqui. Que é que manda?

Sem responder, Cipriano foi direto à barraca:

– Que quer dizer isso aí?

– O quê, seu Coronel?

– Isso aí, seus cachorros?

Os dois não sabiam como responder.

Não poderiam mesmo explicar, quando Cipriano apontou com o facão a pequena reserva de jerimuns, em cima da mesa, ao lado de umas macaxeiras e algumas espigas de milho... Agora enraivecido, Cipriano se pôs a sondar as imediações da barraca, acompanhado dos homens armados. E, em poucos minutos de investigação, descobria a plantação clandestina.

Berrou para os caboclos armados que levara

– Terçado em cima.

Os quatro homens tinham de cumprir as ordens, mas sentiam vontade de chorar, enquanto iam executando a obra de destruição.

– Fogo. Começa logo com o fogo.

E dirigindo-se a Quinquim, que o olhava, estarecido:

– Vamos, seu patife, vai buscar também o querosene de vocês, pra acabar isso mais depressa.

Começou o incêndio a se alastrar.

– Fogo nessa porcarias toda.

A clareira se iluminava tragicamente, quando ele ordenou a Joca, em crescente cólera:

– E você, seu moleque ordinário, vai buscar todas aquelas porcarias que estão lá na cozinha.

E ele obedeceu, como um autômato...

– Toca. E vocês, seus gatunos, terçado na mão, e já, para o fogo não se alastrar pelas seringueiras. Vamos, seus cachorros. Ladrões. E eu aí me sacrificando, pra esses sem-vergonhas me roubarem assim, nessa safadeza, em vez de cortar seringa? [...] (LIMA, 2002, p. 244-246).

Esse trecho do romance é simbólico no sentido de atestar tanto a existência dos regulamentos dos seringais, como da prática de resistência dos seringueiros. Pois, sabe-se que a maior parte deles burlava a regra das plantações, da caça e da pesca, bem como se utilizavam de outros meios que, para eles eram legítimos para livrarem-se do escorchante enquadramento que eram submetidos.

No romance *Terra Caída* tem-se uma representação do poder que os coronéis, donos dos seringais, tinham ante qualquer demanda que pudesse colocar em risco sua autoridade e o cumprimento de seus regulamentos. A descrição a seguir refere-se ao Coronel Tônico Monteiro:

Sua influência comercial granjeou-lhe a nomeação de juiz de paz do seringal, cargo decorativo que ele exerce ditatorialmente, em proveito próprio, aumentando sua autoridade de patrão mediante uma justiça vesga que extravasa em violências contra seringueiros indefesos. Em momentos de raiva, vira ferrabrás e ameaça, blasonando prepotência: “No meu seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui, sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta a besta! Quem faz a lei sou eu; e a lei, aqui, aqui é bala!”. Embora um tanto exagerado, por vaidade ou para intimidar, a verdade é que, dentro do imenso seringal, ele é temido. Tudo resolve e decide arbitrariamente, mesmo porque autoridade, de fato, só existe na sede da comarca, distante dali quatro dias de rio abaixo (POTYGUARA, 2007, p. 27-28).

Os Coronéis Cipriano e Tônico são representações emblemáticas do patrão que vigia e pune os seringueiros que transgridem seus regulamentos. Vê-se claramente na narrativa em que o Coronel Cipriano desempenha o papel do agente intimidador e inquisidor da prática da plantação clandestina, sendo absolutamente implacável em sua na destruição. Percebe-se também uma marca distinta do discurso patronal, onde Joca e Quinquim são chamados de cachorros, ladrões, e sem vergonhas, pois é Cipriano, o patrão, quem se sacrifica investindo seu capital na provisão do aviamento.

O fato sob a ótica do patrão, é que ele está sendo roubado, pois enquanto plantam e colhem, deixam de cortar seringa, e, por conseguinte o lesam, diminuindo seu faturamento através das pelas de borracha não produzidas. Mas, sob a perspectiva dos seringueiros, suas ações são legítimas e representam uma forma de resistência e do próprio exercício de sua liberdade. Michel Foucault ao analisar o exercício do poder, afirma que o mesmo serve para “demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros” (FOUCAULT, 2011, p. 125). Nesse

sentido, haveria assim um campo variado de possibilidades de atuação e ações próprias de sujeitos livres desempenharem sua agência.

O periódico *O Correio do Purus* traz uma notícia que representa bem o conceito da resistência em uma forma mais direta e incisiva, em que a fuga é precedida de um ataque ao barracão por parte dos seringueiros. Sob título de “*Dolorosos acontecimentos*”, é apresentada a história de Luiz Pastor:

Ilmo. Sr. Redator – Cordiais saudações. Ainda sob o peso da mais esmagadora impressão pelos trágicos acontecimentos, ocorridos aos vinte e seis de maio, em meu seringal, venho à vossa presença não só narra-los, como também pedir-vos a fineza de inserirdes nas colunas de vosso conceituado e utilíssimo jornal “*O Correio do Purus*”, a narração do fato cujos dados são os seguintes: Tendo como fiscal de uma dependência de meu seringal, de nome “Curupaity”, o Sr. Luiz Pastor da Silva, me vi obrigado a substituí-lo, por outro, em virtude de seu mau procedimento consentindo que a freguesia além de estragar desapiedadamente as estradas de seringa, inutilizasse o produto com grande mistura de Sorva. Isto foi o bastante: o Sr. Luiz Pastor que havia sido retirado do emprego, aliás por muito boas maneiras, reunindo-se aos seringueiros, em número de treze, atacou o barracão do referido lugar onde se encontravam completamente desarmados e seu substituto, Miguel Moura e os cargueiros, Francisco Moura e Manuel Nogueira Pontes, matando-os barbara, fria e traiçoeiramente; também foi, da mesma forma, morto um seringueiro de nome Sergio Cavalcante pelo motivo de não ter compactuado com eles (*O Correio do Purus*. Lábrea, 28 Jun. 1912).

A história de Luiz Pastor, fiscal ou gerente do seringal Curupaity traz novos contornos de ação entre os agentes que li se encontram, principalmente entre os seringueiros que caracterizam a formação de uma espécie de motim. Neste primeiro fragmento percebe-se de imediato que é o patrão, o dono do seringal quem procura a redação do periódico em Lábrea para denunciar os fatos ocorridos ali. Esse coronel tem por nome Trajano Alves da Costa, que tem seu nome revelado apenas ao fim na notícia.

De todo o modo, é sob a ótica de Trajano que os fatos são publicados. Isso pode ser notado quando informa em sua narrativa à redação do jornal que Luiz Pastor, enquanto fiscal, estava tendo um *mau procedimento consentindo que a freguesia além de estragar desapiedadamente as estradas de seringa, inutilizasse o produto com grande mistura de Sorva*, ou seja, provavelmente extraíndo indevidamente o látex das seringueiras e adulterando a borracha com a sorva, causando prejuízo a Trajano, sendo esta a causa da demissão dele do cargo. Além disso, percebe-se que o Trajano também informa que Luiz Pastor saíra do

emprego *por muito boas maneiras*, demonstrando assim ao jornal que não o havia tratado com injustiça.

No entanto, o desdobramento da história apresenta Luiz Pastor reunindo um grupo de treze seringueiros para atacar o barracão sorrateiramente, e nele encontrando desarmados alguns trabalhadores, inclusive seu substituto, grupo o qual a fonte ainda informa seus nomes. Entende-se que esta ação, pode ser entendida como um modo de Luiz Pastor vingar-se de seu patrão, muito embora seja possível, que a história tenha ocorrido conforme Trajano denunciara.

A fonte também regista que o movimento de Luiz Pastor não foi de todo coeso, pois o seringueiro Sergio Cavalcante acaba sendo assassinado pelo grupo por não ter *compactuado com eles*. Compreende-se que a decisão do seringueiro Sérgio pode ser considerada normal neste contexto. Pois, participar de uma revolta era difícil e englobava muitos riscos. Ele pode ter se recusado a participar por muitos motivos, embora o medo de represálias do patrão por compactuar com os revoltosos seja o mais provável. A fonte não informa, jamais saberemos ao certo, embora o que se pode é apenas especular. Mas, o certo é que Sérgio Cavalcante pagou com a vida a escolha em não participar da resistência.

A história tem um desfecho inusitado e até mesmo improvável, a se considerar o que até aqui a fonte registrou:

Por um milagre que fica figurando como uma ressurreição, pode salvar-se o Sr. Manuel Nogueira Pontes, que acima figura entre os mortos, (porque como tal o deixaram) o qual só três dias depois de penosa viagem conseguiu, arrastando-se a muito custo, trazer a notícia à uma barraca que dista quatro horas do local em que se deu a verdadeira catástrofe. As vítimas eram, pelo seu irrepreensível comportamento, geralmente estimadas; se as mataram foi somente para não deixarem uma testemunha presencial do hediondo fato. A Providencia, porém, fez que escapasse o Snr. Manuel Nogueira Pontes depois de receber uma bala de rifle na espadua direita, outra por sobre o olho direito e uma facada na garganta. O seu estado continua gravíssimo. Tomaram parte ativa no crime, ao lado do Snr. Luiz Pastor da Silva: José de Lima, Antônio Ferreira, Thimoteo Ferreira de Barros, Ananias Rodrigues, Antônio Alves Pacheco, Quirino Ribeiro, Manuel Pinto de Araújo, David Francisco Farias e Francisco Menezes. Os outros limitaram-se a acompanhar os bandidos na evasão. As vítimas tiveram como resistência as súplicas, repetidas, entre lagrimas. Contando com o seu apoio. Sou com a mais distinta e elevada consideração. De S. S.^a Am.^o Att.^o e Obr.^o. Trajano Alves da Costa (*O Correio do Purus*. Lábrea, 28 Jun. 1912).

Então, o personagem Manuel Nogueira Pontes, um dos cargueiros, citado entre os mortos ressurgue inesperadamente para a vida. O que talvez signifique que o mesmo tenha fingido estar morto, para de alguma forma, poder pedir ajuda após a fuga do grupo de seringueiros de Luiz Pastor. Ao mesmo tempo a fonte revela através do testemunho do patrão, que as pessoas que foram atacadas eram *pelo seu irrepreensível comportamento geralmente estimadas* por todos, mas, poderiam certamente ameaçar o grupo em denunciá-lo. Embora, também esteja explícito na fonte que dentre os mortos estava o substituto de Luiz Pastor, o que provavelmente não represente uma coincidência.

De todo o modo, realmente foi providencial a sobrevivência de Manuel Pontes para que depois de ter levado uma bala no ombro, *outra por sobre o olho direito e uma facada na garganta*, consegue após três dias trazer a notícia *à uma barraca que dista quatro horas do local*. Certamente, quando se lê que Manuel Pontes fez *penosa viagem*, pode-se imaginá-lo parando muito tempo em seu percurso pra recuperar sua condição ferida, dormindo não se sabe em que condições, ou até mesmo, se esgueirando na mata ante a possibilidade de ser encontrado pelo grupo de Luiz Pastor, que a fonte informa ter se evadido do seringal juntamente com outros seringueiros.

Ao fim, o patrão ainda informa ao jornal que *as vítimas tiveram como resistência as suplicas, repetidas, entre lágrimas*, informação esta certamente trazida por Manuel Pontes à barraca em que chegara. Embora, a fonte informe que Manuel Pontes ficara em estado gravíssimo, não se sabe se sobreviveu aos ferimentos. Outro aspecto que pode ser destacada nessa história é a notada ausência do patrão no momento do ataque do grupo de Luiz Pastor ao barracão central. Não se sabe também o motivo, embora possa-se supor que o grupo tenha preferido e planejado fazer o ataque justamente quando Trajano estivesse fora por qualquer motivo.

Investigou-se nos dias subsequentes à publicação dessa notícia, qualquer indício de informação acerca do que ocorreu depois, procurando saber o paradeiro do grupo que Luiz Pastor conduziu em fuga. Assim, três meses depois, o periódico *O Correio do Purus* publicou a seguinte notícia: “Na cadeia de Lábrea deram entrada, a 24, sete dos 13 homens que praticaram diversas mortes no centro do seringal Caçaduá, no lugar Curupaity” (*O Correio do Purus*. Lábrea, 29 Set. 1912). E nada mais foi mencionado no periódico, embora tenhamos buscado mais informações até março de 1913.

A história de Luiz Pastor e seu grupo de seringueiros demonstra tanto a existência da *transgressão*, como da *resistência*, conceitos percebidos em ação na ambiência dos

seringais amazônicos. Edward Thompson ao falar do teatro do poder também apresenta o sentido do contrateatro, ou seja, o seu contraposto, quando afirma que “assim como os governantes afirmavam sua hegemonia por um estudado estilo teatral, os plebeus afirmavam a sua presença por um teatro de ameaça e sedição” (THOMPSON, 1998, p. 65).

Em outro momento Thompson também afirma que “os pobres encenam seu contrateatro, ocupando o cenário das ruas dos mercados e empregando o simbolismo do protesto e do ridículo” (THOMPSON, 2012, p. 139-240).

Para Edward Palmer Thompson (1998) a cultura é um campo complexo em que a lutas de classes se desenvolve sob vários aspectos. Os motins de fome estudados por Thompson na Inglaterra do século XVIII e XIX devem ser compreendidos através da observação de um processo de luta em torno dos costumes, valores e da cultura. Nesse sentido os motins representavam a quebra de costumes antigos através da economia moral. Em outro momento Thompson afirma que “definir o controle nos termos de hegemonia cultural não significa renunciar ao intento da análise, mas arquitetá-la para os tópicos necessários: as imagens de poder e autoridade e as mentalidades populares de subordinação” (THOMPSON, 2012, p. 240).

Essa dinâmica ocorre de modo semelhante no enquadramento do sistema de trabalho do seringal, onde havia uma espécie de *hegemonia cultural* da parte de quem regia o poder. Os seringueiros não tinham outra alternativa a não ser lutarem quando preciso, demonstrando o vivo espírito da sua resistência provocando revoltas contra o sistema que os oprimia, e em alguns casos, até mesmo buscavam a todo o custo matar o patrão, responsável por lhes impingirem a injustiça. Este era o seu contrateatro!

Considerações finais

Compreende-se assim, enfocando através de algumas fontes, o que a imprensa apresentou em suas páginas que podem representar a transgressão e a resistência dos seringueiros nos seringais. Esse esforço se deu na orientação de produzir uma História da Amazônia através da perspectiva da “história vista de baixo”, conceito este que Edward Thompson expressou vividamente na década de 1960.

Além disso, sabe-se que durante muito tempo a sociedade amazônica foi estudada e descrita de um modo simplificado e homogêneo, embora nas últimas décadas tenham

sido produzidas muitas pesquisas que serviram de um modo geral, para apresentar uma complexidade maior para a compressão da Amazônia. Assim, buscou-se enxergar e compreender um pouco mais, através do uso dos periódicos da imprensa amazonense, a enorme complexidade intrínseca ao tema, e principalmente revelar novas perspectivas acerca das representações produzidas na imprensa e da aproximação das vivências do seringueiro e das imagens do cotidiano do seringal. Acreditamos ter contado parte dessa história.

Conclui-se com um sentimento latente de que o que foi pesquisado é mais uma contribuição da pesquisa histórica sobre os seringueiros amazônicos. Na esperança de que o aforismo de Ferreira de Castro se torne uma realidade para muito trabalhadores de nosso tempo: “Sobrepõe-se, sempre no meu espírito, uma causa mais forte, uma razão maior, a Humanidade... esqueço-me de mim, mas não me esqueço da selva” (CASTRO, 1989, p. 1).

Referências

- BADARÓ, Marcelo. **E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2012.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 37ª ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1989, pórtico.
- CUNHA, Euclides da. **A Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LIMA, Cláudio Araújo. **Coronel de Barranco**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2002.
- Oxford English Dictionary**.
- POTYGUARA, José. **Terra Caída**. São Paulo: Globo, 2007.
- PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena Rolin. A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Vol. 8. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- _____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

Fontes

Jornal do Commercio. Manaus, 30 Jul. 1908.

Correio do Norte. Manaus, 29 Jul. 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 28 Jun. 1912.

O Correio do Purus. Lábrea, 29 Set. 1912.

Jornal do Commercio. Manaus, 13 Out. 1917.

A Capital. Manaus, 13 Out. 1917.

Recebido em: 24 de julho de 2018.

Aprovado em: 13 de novembro de 2018.